

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO

ALUNA: EURIDEA MARTINS DE OLIVEIRA.

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA.

MATRÍCULA: 90-13262-8

PROFESSOR-ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE - 1996



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Sumário

- Dedicatória.....	02
- Agradecimentos.....	03
- Introdução	05
- Visitas à Escola Severino Cabral.....	06
- Observações à Regência da Professora Dalva no 1º Grau.....	18
- Observações à regência da Professora Dalva no 2º Grau.....	20
- A Regência da Estagiária Euridea.....	25
- Sugestões	33
- Conclusão	35
- Bibliografia.....	37
- Anexos	38

DEDICATORIA

Dedico este relatório a minha mãe. A qual sempre me deu um grande incentivo, para que eu me formasse em um Curso Universitário.

A meu marido Romeu, que sempre acompanhou meus passos na universidade, procurando sempre me ajudar dentro de suas possibilidades.

A meus filhos Andréa e André, que tiveram que suportar minhas ausências durante o tempo em que eu ficava estudando.

A minha irmã Lúcia, que teve que fazer muitas vezes o papel de mãe dos meus filhos, quando eu me ausentava.

A minha amiga Eliane Sanches, pela força que me deu nos momentos de fraqueza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho, em particular a direção da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Severino Cabral, na pessoa de Maria Santana gomes de Lemos.

Igual agradecimento a UEPB Campus II, na pessoa de seu Reitor Nerealdo Pontes, assim como todos os professores do Curso de História, principalmente Aqueles que me motivaram no curso.

Introdução

Este relatório, tem como objetivo mostrar como se processou a Prática de Ensino em História no 1º e 2º Graus, na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Severino Cabral (Bodocongó). O mesmo contou com a participação da Coordenadora da Prática de Ensino em História no 1º e 2º Graus, Eronides Câmara Donato e do Professor Orientador José Apolinário do Nascimento.

A disciplina prática de ensino foi constituída das seguintes fases:

- Fase de orientação da Prática de Ensino em História no 1º e 2º Graus;
- Visitar a escola, no sentido de perceber sua realidade;
- Observações à regência da professora Dalva, a qual foi minha colaboradora durante o estágio;
- Minha regência como estagiária no 1º e 2º Graus. Estagiei nas turmas de 5ª Séries do 1º Grau, e, no 1º, 2º e 3º Científico;

A última fase ficou reservada exclusivamente para fazermos o relatório final da disciplina.

No dia 14 de dezembro de 1995 voltei à escola. Neste dia confirmei com Dalva o meu estágio no horário de suas aulas, comprometendo-se a colaborar comigo no que fosse possível. Conversamos um pouco, ela ficou de me ~~passar~~ algumas informações sobre o conteúdo programático de história da escola no 1º e 2º Graus. Só que depois deste dia demoramos muito a nos reencontrarmos.

Em 4 de janeiro de 1996, às 15 horas voltei à escola para conhecê-la melhor, pois, à noite não dá para percebermos bem como se encontra o seu estado físico. Achei sua construção muito mal planejada (tem forma de um labirinto), suas divisões não possuem uma lógica. Além disso a escola possui dois prédios, um paralelo ao outro. Segundo informações de Ronaldo dos Anjos, vice-diretor da escola, o prédio que foi fundado primeiro estava ameaçado de cair e tinha sido condenado. Então, houve necessidade de se construir uma outra escola que pudesse receber seus alunos. Foi uma luta da direção da escola em conjunto com a comunidade local que solicitaram dos poderes públicos a construção de uma nova escola. A reivindicação foi aceita e hoje a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Severino Cabral funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite.

O 1º Grau se subdivide em duas partes: 1ª fase que corresponde ao primário completo. Já a 2ª fase corresponde ao ginásio. Além de existir o curso científico. Isso porque a escola que havia sido condenada não caiu e acabou fazendo parte da nova.

O prédio, com relação ao seu aspecto geral está mais ou menos conservado. Sua pintura é nova. A escola possui 10 salas de aula. A média de alunos por sala é entre 40 a 46 alunos. São bem iluminadas. No entanto, são pequenas em relação ao número de alunos, que mal podem se mexer.

Na escola existe uma pequena biblioteca, onde se percebe poucos livros, o que dificulta o trabalho de pesquisa. Total de dependências da escola: 32. Material didático disponível: mapas, globo terrestre, bandeira nacional, vídeo (só que ainda não foi instalado).

Quanto as editoras que fornecem livros à escola são as seguintes: FAE, FTD, SCIPIONE e, atualmente, Ática. No entanto, a maioria dos livros que a escola recebe são livros de visão tradicional e esse tipo de livro não leva o aluno nem o educador a questionar a história. Ao contrário, a tendência é induzir tanto o professor, quanto o aluno, a pensar em uma só direção.

Aspectos humanos da escola. A escola, conforme documento, foi fundada em 13 de maio de 1985. Tem hoje 71 funcionários. Porém não atende as necessidades da mesma, que exige um número bem maior, principalmente de professores. Por exemplo, a escola dispõe de apenas duas professoras de história e assim mesmo somente uma é formada na área, que é o caso da professora Dalva. Já a outra é formada em geografia.

No dia 26 de fevereiro de 1996, estive na escola para assistir a 1ª reunião de planejamento e aproveitei o momento para conhecer todos os professores. Como também, para saber como funcionava o ensino

daquela escola. Nessa reunião ficou determinado que as aulas teriam início no dia 4 de abril de 1996.

No começo da reunião a diretora Santana comenta sobre a falta de professores na escola. Justificativa: ~~desestímulo para o trabalho~~ por conta dos baixos salários e da falta de recursos para que a escola possa oferecer o melhor para os seus alunos. Nessa reunião também teve presente o inspetor de ensino, Hercílio. Segundo a diretora era a primeira vez que um inspetor de ensino fazia uma "visita" à escola. A professora Santana discutiu mais uma vez a questão da ausência de professores, entre os quais: 1 de português, 2 de matemática, 1 de inglês, 1 de geografia, 1 de educação artística. Inclusive, quem está ensinando esta disciplina é uma professora de religião (Fátima). Proposta da diretora para suprir as necessidades da escola: dobrar a carga horária dos professores existente na escola.

Depois das colocações da diretora o inspetor começou a dizer qual o objetivo de sua presença na escola. Comenta: "A inspetoria hoje está com uma nova visão, ou seja, humanística, e tem como finalidade proporcionar uma melhor qualidade para o ensino na escola pública". No entanto, no decorrer da reunião Hercílio começa dando sugestões de como o professor deve fazer suas anotações na caderneta, como por exemplo: o professor deve colocar apenas o assunto da aula e não o conteúdo. O que vai interessar vai ser apenas o assunto dado em sala de aula.

Outras observações do inspetor: o professor não deve colocar as atividades extras no diário de classe e sim na pasta do aluno; o

professor só pode faltar em caso excepcional. No entanto, deve repor essa aula com uma atividade de acordo com a disciplina; mínimo de carga horária do professor 150. Sendo que 75% é para os professores que chegam depois do início das aulas.

Outro ponto discutido na reunião é que o diário de classe não deve sair da escola. A professora Santana comentou que sempre facilitou para que alguns professores levassem o diário para casa para que os mesmos colocassem suas atividades em dia. No entanto, atualmente não vai poder deixar que o levem mais, devido a inspeção. Além disso alguns professores demoram muito a entregá-lo, passando até duas semanas com o mesmo. Inclusive emprestando a outros professores para que estes coloquem suas aulas em dia. Em suma: a saída dos diários será um grande problema para a direção da escola. Segundo a professora Santana já houve professores que até perderam diário de classe.

Depois dessa discussão o inspetor voltou a fazer suas colocações e discutiu as formas de avaliações:

- Qualquer exercício de avaliação (fixação) a nota deve ser de 0 a 10,00 pois a legislação não permite nota "quebrada", para que não haja prejuízo para o aluno. O professor deve colocar a nota conforme achar necessário, sugeriu Hercílio;

- Recuperação: Menos de 5,0; o professor deve fazer avaliação contínua e só colocar no diário de classe a nota final;

- Conteúdo da recuperação: deve ser o assunto onde o aluno demonstrou ter deficiência;

O aluno deve ser avaliado por assiduidade e por participação. 7,5 é a média de aulas. 8,0 é a média global;

Menos de 50% precisa ter média 8,0 para passar.

Nesse momento uma professora colocou que o aluno falta porque é desinteressado. Mas será que isso é verdade? Ou será que existem outros motivos? Já que a maioria dos alunos que estudam também trabalham. Acredito que não são desinteressados, ao contrário, eles pensam em ter uma vida melhor no futuro.

O último ponto discutido nessa reunião foi a questão da falta. Quando é que uma falta é justificada? Segundo a Secretaria de Educação uma falta é justificada por atestado médico. Falta do professor por greve não justifica.

Educação física: quem trabalha é dispensado. Porém, faz atividade teórica.

Outra observação de Hercílio: todo registro no diário de classe deve ser escrito em preto ou azul.

No final da reunião a professora Santana convidou a todos para a próxima reunião de planejamento, dia 27 de fevereiro de 1996, onde o palestrante convidado seria o professor e diretor do Colégio Estadual da Prata, Professor Claudionor, que irá discutir sobre o sucesso do Colégio da Prata e apontará uma nova proposta para o ensino, ou seja, nessa reunião o professor Claudionor mostrará uma nova proposta para o ensino público.

Antes de terminar a reunião ainda surge uma questão sobre reposição de provas, onde Hercílio comentou que só pode ser feita em

caso justificativo. A diretora encerrou a reunião agradecendo a todos pela presença, em particular a do inspetor e convida para que o mesmo volte sempre. Porém, salienta que sua visita não seja para vigiar o trabalho da escola e sim para ajudar.

A diretora nessa reunião demonstrou ser uma pessoa bastante democrática com relação aos seus funcionários. Outro fato que pude perceber é que existe um grande laço de amizade entre a direção e os funcionários. Portanto, o clima de trabalho deve ser bastante saudável.

Outro ponto interessante que observei nessa reunião foi que a maioria dos professores da escola são conservadores em se tratando de ensino. Nessa reunião a professora Dalva permaneceu o tempo todo calada. Apesar de ter surgido várias questões durante a reunião onde ela poderia opinar.

Nessa reunião pude observar, pelo posicionamento de alguns professores, que os mesmos avaliam os alunos faltosos sem procurar saber os motivos de suas faltas. Além disso dão poucas oportunidades aos alunos, não percebendo suas particularidades e avaliando a todos num mesmo patamar. Nesse caso é como comenta Rosiska em seu livro: "A vida na escola a escola da vida"- "A escola não leva em conta as diferenças". Quando na verdade o professor deveria saber a realidade do aluno para dessa formar poder entender melhor o por quê de sua deficiência e tentar ajudá-lo. Por outro lado, devemos entender que se um professor age desta maneira é porque é deficiente. Na realidade a culpa é do sistema educacional, que não prepara bons professores para

serem bons profissionais. Em quanto não existir um projeto que possa formar bons professores a culpa do fracasso escolar sempre vai ser atribuído ao aluno. Não quero dizer que não exista aluno desinteressado em assistir aulas, pois existe, no entanto, com um pouco de motivação por parte do professor talvez esse aluno passasse a gostar mais de estudar.

Reunião de planejamento da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Severino Cabral, data: 27/02/1996. Palestrante: Claudionor.

Assunto da reunião: Projeto CEPS (Centro Paraibano de Educação Solidária), tem como coordenador do projeto o diretor do Colégio Estadual da Prata, Professor Claudionor.

Objetivo do projeto: melhoria da qualidade da aula. Para fazer parte desse projeto o professor deve dar 20 horas de aulas e 20 deve ser dedicada exclusivamente ao projeto. No entanto, vai ganhar 6 salários mínimos.

Clientela: qualquer aluno. Para esse projeto a escola deve estar bem equipada. Para tanto o governo vai contribuir com alguns aparelhos de informática.

Quem faz parte do projeto? Apenas os professores licenciados. O objetivo fundamental do projeto é valorizar os licenciados.

As escolas que já estão no projeto: Estadual da Prata, Monte Carmelo e Nossa Senhora do Rosário. Isso aqui em Campina Grande. "A comunidade deve participar do projeto, sem a participação dela não há possibilidade de sucesso", comenta o professor Claudionor.

que escola faz parte do projeto? A prioridade: 1º Grau. O professor deve dedicar tempo integral à escola, ou seja, deve ter tempo para o projeto e para dá aulas.

- O que acontece com os não licenciados? - Não entram no projeto.

- Como saber a formação do professor? - Pelo contra-cheque. Isso quer dizer que, mesmo que o educador seja licenciado o que vai importar ao projeto é o que constar no contra-cheque. Portanto, muitos professores vão ser excluídos do projeto CEPS. A diretora faz o seguinte comentário sobre o projeto: "Então vai ser uma vassoura mesmo...".

Pelo que pude perceber a mesma não demonstrou interesse pelo projeto. Mesmo porque a maioria dos professores daquela escola não têm curso superior.

Nessa reunião o professor Claudionor também faz um comentário sobre a insenção da taxa de vestibular para alguns alunos da rede pública de ensino. Segundo ele essa foi uma "conquista" dele e do Deputado Vitalzinho. Outra coisa que ele coloca é que o mentor do projeto CEPS, foi o Deputado Perócleu que já existem três escolas em João Pessoa que fazem parte do projeto, entre elas o Lyceu Paraibano. Pelo que observei esse projeto está mais preocupado em servir as escolas mais centrais de cada cidade do que mesmo as da periferia.

Os últimos pontos discutidos dessa reunião foi a possibilidade de greve. Justificativa: o não aumento do salário dos funcionários públicos, além da discriminação do projeto CEPS em relação as demais

escolas. Nessa reunião também a diretora comentou sobre os constantes roubos na escola por falta de segurança.

Enquanto algumas escolas contempladas pelo o projeto CEPS estão recebendo equipamentos novos, outras tem que se contentar com as "sucatas" das escolas privilegiadas. Como é o caso da escola Severino Cabral que não tem onde colocar tantas carteira velhas. Quanto ao ponto fundamental da reunião que era o planejamento didático não foi tocado.

Reunião de Planejamento da Escola Estadual Severino Cabral. Data 28 de fevereiro de 1996.

Pontos discutidos:

- Planejamento Bimestral:

1º planejamento 01/03/ a 25/04/1996 = 38 dias letivos.

2º planejamento 26/04 a 21/06/1996 = 39 dias letivos

3º planejamento 08/07 a 20/09/1996 = 52 dias letivos

4º planejamento 23/09 a 13/12/1996 = 57 dias letivos.

Total = 186 dias letivos

- Dias de planejamento didático

1º 26/04/1996 - Sexta-feira

2º 19/06/1996

3º 23/09/1996 - Segunda-feira

Férias juninas: 25/06 a 05/07/1996

distribuição das disciplinas, turmas, séries.

- Professora Dalva: História. Da 5ª série ao 3º científico.

Nessa reunião pude observar que na falta de professores qualquer um pode lecionar qualquer disciplina. O importante para a escola é que seja cumprida sua carga horária, ou seja, 20 horas.

O professor de química, Moacyr, demonstrou preocupação com a evasão escolar e sugeriu que todos os professores melhorassem de método, no sentido de estimular o aluno.

O início das aulas embora com indicativo de greve começará na segunda-feira, dia 04 de março de 1996.

Outro ponto discutido foi a doação de equipamentos eletrônicos pelo Governo Federal para a escola, como : videocassete, antena parabólica, etc.

Reunião de Planejamento da Escola Severino Cabral, data: 09 de fevereiro de 1996.

Este foi o último dia de planejamento da escola. Apesar de estar marcada uma reunião não houve, os funcionários (professores) foram apenas para terminar seu planejamento ou entregá-lo à direção. No entanto, a professora Dalva não compareceu. A diretora só foi à escola para fazer prestação de contas dos gastos com a escola com o dinheiro das matrículas. Conversando informalmente com os professores, a diretora comentou sobre a abertura do inquérito para investigar o roubo na escola. Ela responsabiliza o vigia da escola, já que este não costuma cumprir seu horário de trabalho. No dia do arrombamento o mesmo não veio trabalhar. Apesar do vigilante ter sido chamado à direção para se justificar não deu importância se a diretora ia ou não descontar do seu salário os prejuízos. Segundo Ronaldo (vice-diretor)

o vigia não estava interessado em saber se ia ou não ser dispensado da escola. Tudo indica que este funcionário foi colocado na escola por apadrinhamento e que não precisa do emprego, já que tem uma atividade autônoma.

Observações à Regência da Professora Dalva no 1º Grau

No dia 04 de março de 1996, das 6:50 às 7:30 horas, fiz minha primeira observação em sala de aula na 7ª série B. Na verdade foram duas aulas seguidas que eu observei. Nessa turma (1ª e 2ª aula). O conteúdo da aula: História Antiga e Medieval. Assunto: Do aparecimento do homem na terra até o surgimento da escrita.

Nesse dia também observei a 5ª D (3ª Aula). Nessa aula a professora Dalva explicou os conceitos de geografia e qual o seu objetivo. Também comentou sobre a expansão marítima empreendida por Colombo e discutiu sobre antigas civilizações entre as quais: Astecas, Maias e Incas. Comentou ainda sobre o "descobrimento" da América, enfatizando o Brasil.

Nas três aulas a professora utilizou a mesma metodologia, ou seja, aula expositivo-dialogada. Sempre relacionando a história do passado com a do presente. Tanto na 7ª série quanto na 5ª a participação dos alunos foi muito pouca. Talvez porque estivessem mais preocupados em copiar o conteúdo exposto no quadro.

No dia 05 de março de 1996, das 6:50 às 7:30 horas, fiz minha segunda observação em sala de aula na 8ª série B. Neste dia estavam em sala 48 alunos.

O assunto da aula ministrada foi: O Estado Moderno e a Centralização do Poder Monárquico. A metodologia da professora foi a mesma que utilizou no dia anterior: aula expositivo-dialogada, o

Conteúdo exposto no quadro. Portanto, o método da professora Dalva é tradicional de ensino onde o professor detentor do saber, enquanto o aluno mero receptor (relação assimétrica professor versus aluno). A quinta observação foi nessa mesma turma. já que foram duas aulas seguidas (1ª e 2ª aula). O assunto foi o mesmo. Onde a professora mostrou o poder absoluto do rei na Idade Média até o poder político dos governos atuais. A metodologia utilizada foi a mesma, assim como o método.

Quanto à relação professor/aluno. Apesar do interesse da professora em abrir espaço para o aluno participar houve pouca participação. Isso demonstra que os alunos são apáticos no que se refere a disciplina.

A 6ª observação no 1º Grau foi feita no dia 07 de março de 1996. Horário: 6;50 às 7:30 horas. turma: 6ºC. Assunto da aula: Império e República. Tema: Independência do Brasil. Nessa aula a professora Dalva reviu o assunto da 5ª série: As grandes navegações, os governadores gerais e a formação do povo brasileiro.

Durante todas essas observações não houve mudanças nem na metodologia nem no método e nem na forma da professora avaliar seus alunos. Ao meu ver estes estão acostumados a uma "educação bancária" como comenta Paulo Freire em "A Importância do Ato de Ler".

A média de alunos presentes em sala de aula durante esse período de observação ficou entre 45 a 58.

Observações à Regência da Professora Dalva no 2º Grau

No dia 07 de março de 1996 fiz a minha primeira observação no 2º grau. horário: 8:10 às 8:50 horas. Série: 3º científico. Turma: unica. Números de alunos em classe: 26.

Nesta aula a professora Dalva fez uma revisão dos assuntos do 2º ano científico entre os quais: Revolução Francesa e Civilizações Clássicas. Comentou ainda sobre o assunto que seria dado no 3º científico, entre eles: Unificação da Itália e Revolução Russa. A aula foi bem informal, mais uma conversa com os alunos. Percebi que o objetivo fundamental dessa aula era para sondar os alunos e ao mesmo tempo para a professora procurar uma forma de ter um bom relacionamento com os alunos. Falou de sua vida pessoal e comentou sobre sua má remuneração. Em todas as aulas a professora Dalva demonstra a insatisfação quanto ao seu salário. Isso é compreensível, já que a mesma tem que ensinar durante o dia numa escola da rede privada de ensino para dessa forma ter uma renda melhor.

A segunda observação no 2º Grau foi feita no dia 08 de março de 1996. Horário 6:50 às 7:30 horas. Série: 3º científico. Turma: Única. Número de alunos em sala: 16. Assunto: As revoluções Europeias no Séc. XIX. Tema da aula: A Unificação da Itália e da Alemanha. Conteúdo específico: A Unificação da Itália e da Alemanha; O Reino de Piemonte, a formação do reino da Itália.

A aula foi expositivo-dialogada com leitura de texto pelos alunos. Quanto ao método construtivista/tradicional. Construtivista porque houve uma brecha para que o aluno criasse suas próprias idéias; tradicional porque o conteúdo estava exposto no quadro para que os alunos copiassem.

A terceira observação foi feita neste mesmo dia, no segundo horário, e nesta mesa turma. A professora Dalva deu continuidade ao assunto da aula anterior. Comentou sobre a formação do Reino da Itália, depois fez alguns comentários sobre Mussolini e levou a discussão até a questão das Cruzadas. Nessa aula a professora Dalva fez vários comentários, tocou na questão da terra e mostrou que esse é um problema de um longo processo. Comentou que todos os movimentos que houve até hoje em sua maioria sempre foram por conta da terra. Teceu considerações sobre o movimento de Antônio conselheiro na Bahia e procurou mostrar que sua ideologia foi tão forte ao ponto de reunir vinte mil pessoas na Bahia para lutarem contra o sistema republicano. No entanto, ele e seus adeptos foram mortos. Depois de feitas essas colocações a professora encerra a aula. Quanto a metodologia e o método utilizados foram os mesmos da aula anterior.

A quarta observação no 2º Grau foi feita no dia 28 de março de 1996. Horário: 8:50 às 9:30 horas. série: 2º científico. Turma: única. Números de alunos em sala de aula: 16. Assunto da aula: Formação dos Estados Nacionais. Tema: O Apogeu do Absolutismo. Conteúdo: Hugo Grotius - Questão do direito e da Paz; Jaques Bussuet e a Alienação do

Povo. Nesta aula a professora comentou sobre a alienação do povo de um modo geral. Colocou que apesar de existir maus governantes muitas pessoas ainda os elogiam. Vem para uma realidade mais próxima de nós e mostra que Campina Grande, apesar das ruas estarem cheias de lixo e dos salários do funcionalismo municipal estarem atrasados, ainda há pessoas que defendem o nosso Prefeito Félix Araújo. Para comprovar suas colocações uma aluna comentou: "professora, o povo é quem é sujo e só gosta de sujeira. Já que jogam lixo nas ruas". A professora aproveitando o raciocínio acrítico desta aluno tentou mostrar que o povo brasileiro, de um modo geral, é alienado e que ele por conta disso que elege governos corruptos.

Na medida em que a professora Dalva fazia suas observações ia expondo o conteúdo no quadro. Não despertando o interesse dos alunos que apenas copiavam. Essa turma, embora sendo do 2º ano científico, é extremamente alienada. Além disso mal sabem ler. quanto ao método da professora nessa aula é tradicional. Isso no que se refere ao conteúdo exposto no quadro. No entanto, seu pensamento pelo que pude observar não siga esta linha teórica.

No dia 28 de março de 1996 fiz a quinta observação sem sala de aula no 2º Grau. Horário: 9:30 às 10:10 horas. Série: 1º científico. Turma: única. Participaram desta aula 33 alunos.

Título da aula: A Conquista da Paraíba. Tema: O Domínio Holandês. Conteúdo da aula: o Domínio Holandês na Zona Canavieira;

Empréstimos da Holanda para o Nordeste; o Papel dos Portugueses no Nordeste.

O método utilizado pela professora nesta aula foi o tradicional. A turma é bastante frenética e a professora não consegue dominá-la. Como os alunos não participam da aula a professora Dalva ficou um pouco constrangida. Neste momento pude observar que a professora estava bastante cansada e sem motivação nenhuma para dar essa aula. Conclui que assim como o aluno precisa de motivação para estudar o professor também precisa de incentivo para ensinar. O professor da rede pública de ensino que além de ser mal remunerado tem péssimas condições de trabalho. O professor se restringe apenas ao quadro para giz por falta de outros recursos.

No dia 02 de março de 1996 fiz minha última observação no 2º Grau. Horário: 6:50 às 7:30 horas. Série: 3º científico. Turma: Única. Número de alunos presentes em sala: 12.

O assunto da aula: Os Estados Unidos no Séc. XIX. "A Marcha para o Oeste". Tema da aula: A Conquista do Oeste. Conteúdo: A Conquista do Oeste; Conseqüência da Marcha para o Oeste; A Guerra de Secessão.

Nessa aula a professora Dalva falou sobre o "Destino Manifesto", ideologia dos países de 1º mundo. Segundo esse pensamento ideológico os povos de 3º mundo eram pecadores e atrasados e os países de 1º mundo por determinação divina deviam salvá-los do pecado e do atraso. Partindo dessa idéia a professora Dalva mostra a questão da exploração dos portugueses também aqui no Brasil.

Essa aula é expositivo-dialogada com leitura de textos pelos alunos. Na verdade, essa é a única turma que a professora Daiva usa texto e não expõe o conteúdo no quadro. Essa turma também foi a melhor em se tratando de senso crítico e participação. O que me chamou atenção nessa turma foi o fato da professora não trabalhar com o método tradicional, coisa que ela vem fazendo em outras turmas. Talvez seja porque seus alunos são mais exigentes.

A Regência da Estagiária Eurídea

No dia 12 de março de 1996 às 6:50 horas comecei a minha primeira aula no 1º Grau na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Severino Cabral. Série: 5ª. Turmas: C e D. Temas da aula: Expansão Marítima Portuguesa.

Na verdade, foram quatro aulas, seguidas, ou seja, da 1ª a 4ª aula. Duas aulas primeiras na 5ª C, por onde comecei, em duas outras na 5ª D. A primeira experiência foi bastante ruim, já que era uma turma de adolescentes e eu não sabia como lidar com alunos nessa fase, pois no nosso Curso, nunca tivemos oportunidade de unir teoria à prática. Talvez se tivesse sido preparada antes para enfrentar alunos adolescentes não tivesse tido o embate que tive ao me confrontar com eles. Somos preparados para ensinar no 1º e 2º Graus. Teoricamente tudo funciona muito bem, mas quando partimos para a realidade prática percebemos que nem sempre a teoria está em harmonia com a prática.

Além disto, parece-me que nessa escola há dois tipos de alunos: "os bons" e os "ruins", ou seja, há alguns alunos que se encaixam como sendo alunos "padrão" e os "maus comportados". Os "bons" ficam em uma turma, enquanto os "ruins" em outra. Na realidade, não devia haver esse tipo de discriminação, pois isto deixa o aluno desmotivado e cada vez mais rebelde. Na verdade, a direção deveria entrosar os alunos menos educados com os outros, para dessa forma

naver mais interaçao entre eles. Alem de facilitar o trabalho do professor e aumentar o interesse dos alunos.

Enquanto a turma C demonstrou desinteresse pela aula, a turma D se mostrou mais participativa. Nesta turma, eu consegui expor melhor a aula, mostrando como se deu a expansao maritima na Europa, para depois estudar apenas Portugal. Estudamos o pioneirismo português, o porquê deste pioneirismo e o Tratado de Tordesilhas. Estudamos também os principais navegadores, como: Colombo; Pedro Álvares Cabral; Vasco da Gama e Bartolomeu Dias. Estudamos ainda sobre os inventos portugueses, como: bússola; astrolábio e vela triangular.

Na verdade, nessa aula eu me sai melhor do que na primeira. O professor-orientador percebeu o meu embaraço e contornou a situação.

A aula foi expositivo-dialogada e os recursos utilizados foram: quadro para giz; mapa (mostrando a divisao do Tratado de Tordesilhas).

Quanto a avaliação fiz exercicios e questionamentos aos alunos durante a aula.

Apesar da interrupção da diretora e de seu vice-diretor, quando entraram na sala para dar alguns informes aos alunos, consegui dar minhas aulas até o fim.

Tanto a professora Dalva quanto o professor-orientador contribuíram com as aulas. A professora Dalva, o tempo todo, pedia que os alunos cooperassem comigo, pois minhas aulas estavam valendo nota e dependia deles o meu sucesso.

O maior problema de minhas aulas foi por que os alunos não estão acostumados com aulas expositivo-dialogadas e preferem que o professor escreva no quadro o conteúdo. Além disto, para trabalhar com adolescentes o professor deve ter bastante "psicologia", caso contrário, ele "se afoga num pingo d'água", como foi o meu caso.

No dia 18 de março de 1996 encontrei-me com meu orientador, quando conversamos sobre as minhas primeiras aulas. Nesta conversa, o professor apontou todas as minhas falhas durante as aulas e eu concordei com ele. Naquele dia ficou decidido que eu iria retomar o mesmo assunto nas aulas da semana seguinte, ou seja, Expansão Marítima Portuguesa e que iria continuar a aula com outro assunto novo: A concorrência espanhola e o descobrimento do Brasil.

No dia 19 de março de 1996 voltei a me encontrar com o professor-orientador e este me deu as últimas orientações sobre minhas aulas daquele dia. Desta vez me sai melhor, tanto na turma C como na turma D. Foram, também quatro aulas seguidas. Retomei o assunto das aulas anteriores e começamos a estudar um novo assunto: A concorrência espanhola e o descobrimento do Brasil.

Naquele dia completaram-se oito aulas dadas nas turmas já mencionadas. No entanto, o meu orientador achou que eu deveria voltar na semana seguinte para começar outro assunto naquelas mesmas turmas. Na realidade, eu teria que dá apenas 6 aulas, mas como eu me sai mal no primeiro dia o professor-orientador resolveu me incentivar a dar mais algumas aulas no sentido de haver mais treinamento de minha parte. Mas para mim este treinamento não vai

determinar se eu vou ser ou não uma boa profissional. Já que esta é uma questão de longo um processo e o tempo da prática de ensino é pequeno para se saber disto.

No dia 21 de março de 1996 voltei à turma da 5ª D. Dei mais uma aula, desta vez foi no segundo horário, ou seja, das 7:30 às 8:10 horas. Tema da aula: Expedições Exploradoras, Guarda-costas e Colonizadoras. O objetivo desta aula era tentar identificar quais os objetivos das expedições portuguesas no Brasil, assim como qual o papel de tais expedições.

A aula, assim como as outras foi expositivo-dialogada com estudo de textos e aplicação de exercícios sobre o tema em questão. Quanto aos recursos utilizei o quadro para giz e mapas. Os alunos foram avaliados pelo índice de acertos nos exercícios aplicados.

No dia 26 de março de 1996 ministrei as duas primeiras aulas da 5ª série C. Estudamos o mesmo tema da 5ª D, ou seja, As expedições exploradoras, guarda-costas e colonizadoras. Os recursos, procedimentos metodológicos e avaliativos foram os mesmos que aplicamos na turma D.

Com estas aulas completo 10 aulas na turmas de 5ª série. O professor-orientador chegou à conclusão que já eram suficientes. No entanto, me senti na obrigação de voltar àquelas turmas na semana seguinte para ter uma conversa informal com os alunos e ao mesmo tempo para fazer uma revisão de todo o assunto apresentado. Então, no dia 28 de março de 1996 eu voltei à turma D, no segundo horário, ou seja, das 8:50 às 9:30 e fiz uma revisão. Ao final agradei a

turma pela oportunidade de ter estagiado com ela, além de dar um grande incentivo para aqueles alunos tão pouco valorizados.

Na semana seguinte fiz o mesmo procedimento na turma C. Lá que eu coloquei as minhas dificuldades com ela. No entanto, mostrei para aqueles alunos que o meu maior desafio foi com eles e que eu já esperava por isso, porém, essa experiência serviu para que eu amadurecesse mais. Portanto, nunca devemos começar as coisas pelo caminho mais fácil, já que o mais difícil é quem vai nos ensinar a vencer os obstáculos que encontramos no caminho de nossas vidas. Pela primeira vez nessa sala via a turma me ouvir atentamente. Após minhas colocações aqueles alunos bateram palmas para mim, deixando-me bastante emocionada. Isso aconteceu no dia 02 de abril de 1996.

No dia 09 de abril de 1996 estive com o professor-orientador para discutirmos sobre minhas aulas no 2º Grau. Dei três aulas seguidas: 1º, 2º e 3º científico com os seguintes assuntos: Os Primeiros Colonizadores da Paraíba, ou seja, Os Primeiros Governadores da Paraíba, tema da aula no 1º científico; O Colonialismo e o Imperialismo no Século XIX, tema do 3º científico; e o renascimento Cultural tema do 2º científico.

No dia 11 de abril de 1996 voltei a me encontrar com o meu orientador para acertarmos os últimos detalhes das aulas que iria dar à noite no 2º Grau. O professor-orientador colocou algumas observações nos textos que iria trabalhar. Naquele dia consegui dar minhas aulas tranquilamente. Ao contrário do 1º Grau essas turmas

foram ótimas. Além dos temas serem bastantes interessantes e provocaram discussões muito polêmicas.

Ministrei a primeira aula na turma do 2º científico no horário de 8:10 às 8:50 horas. Discutimos o Renascimento Cultural na Itália. Para esta aula eu levei cartazes que me ajudaram na aula e ao mesmo tempo motivou a turma a participar. Em um deles coloquei uma citação de Maquiável: "A Itália ressuscita as coisas mortas...". Partindo desta citação discutimos todo o contexto histórico daquele período, discutimos questões da Idade Média e fizemos um confronto entre Idade Média versus Idade Moderna. Enfatizamos o renascimento cultural da Itália, já que a Itália é considerada o "berço do Renascimento".

Nessa aula toda a turma participou ativamente das discussões. Inclusive a professora Dalva e o professor-orientador, levantando questões importantes aumentando assim a discussão e motivando a turma a participar. O sucesso dessa aula me encorajou para as demais.

A aula seguinte foi no 2º científico, no horário de 8:50 às 9:30. O assunto trabalhado: Os Primeiros Colonizadores da Paraíba. Comecei a aula fazendo um pequeno comentário sobre a "conquista" da Paraíba e fiz um questionamento para os alunos: será que a Paraíba foi mesmo conquistada ou foi invadida? A partir daí começou a discussão. Duas alunas praticamente tomaram todo o tempo da aula colocando o pensamento delas e defendendo a idéia de invasão pelos

primeiros povoadores da Paraíba. O professor-orientador também deu a sua contribuição, procedimento seguido por ele em todas as aulas, sempre se colocando sobre pontos que não abordava.

A aula foi bastante movimentada e proveitosa, pois, percebi que essa turma não era alienada como eu acreditava que fosse. Na verdade, o que esses alunos precisam é de um outro tipo de metodologia, onde a opinião deles seja valorizada. A aula ficou restrita aquela discussão, ficamos de voltar na semana seguinte para estudarmos o texto específico da aula.

A última aula daquele dia foi no 3º científico. Horário de 9:30 às 10:10 horas. Nesta aula estudamos o colonialismo e o imperialismo no Século XIX. Assim como nas aulas anteriores fiz uma introdução dos temas. Porém no 1º e no 3º científico a participação foi bastante positiva, principalmente no 3º científico, que é uma turma que tem uma visão crítica, mais rica do que as demais, em decorrência, creio, pelo fato de estar no último ano.

Começamos a aula discutindo a definição de colonialismo, tentei mostrar o que era colônia e metrópole. Colocando, por exemplo, o Brasil como sendo colônia de Portugal que seria no caso a metrópole que explorava o Brasil em seu benefício. Depois mostrei que o imperialismo era uma nova forma do colonialismo, em que os países de primeiro mundo usavam outros tipos de estratégia para explorar os de terceiro mundo.

Nesta aula levei um cartaz alegórico, mostrando o imperialismo e os países explorados como a América Latina, Ásia e África. Esta ilustração serviu como base para que a turma entendesse o assunto. Comecei a aula perguntando aos alunos se por aquele cartaz era possível identificamos qual seria o tema da nossa aula. Um aluno de imediato respondeu que era imperialismo. Na verdade, este era o tema central da aula.

Essa aula, assim como todas as outras, foi bastante polêmica e tenho certeza que se tivessem levado os textos para discutirmos naquele dia não teríamos dado conta.

No dia 12 de abril de 1996 voltei a essa turma. Levei o texto sobre o colonialismo e o imperialismo no século XIX. Foi feita uma leitura do mesmo com os alunos e discutimos parágrafo por parágrafo. A aula foi expositivo-dialogada com leitura de texto pelos alunos.

A avaliação adotada foi a mesma utilizada anteriormente, ou seja, participação dos alunos nas discussões. Os recursos utilizados também foram os mesmos.

No dia 25 de abril de 1996 voltei ao primeiro científico. Discutimos o texto sobre o colonizadores da Paraíba. Aproveitei a oportunidade para agradecer a turma por terem cooperado comigo, inclusive, isto eu fiz em todas as turmas onde estagiei. Aproveitei também esse dia para doar um material de vestibular para aquela escola e emprestar alguns livros.

Sugestões

Sugestões que podem servir para melhorar o ensino de história no 1º e 2º graus.

O professor deve sempre adaptar a teoria à prática, ou seja, à realidade regional e local dos alunos. Para dessa forma despertar o interesse do aluno pela disciplina, pois, o aluno necessita estudar sua própria história. Seria interessante que nos primeiros dias de aula o aluno escrevesse sobre sua própria vida.

Importante é também confrontar a história do passado com a do presente. Este tipo de comparação ajuda tanto na compreensão da história como também serve de reflexão crítica.

O professor de história deve recorrer a alternativas que possam tornar as aulas mais atrativas e proveitosas, tais como: utilização de filmes, fotografias, recortes de revistas, etc., que possam transportar o aluno de história a uma determinada época. Porém, nunca esquecendo de fazer uma ponte entre passado e presente.

Outro subsídio importante para incentivar o aluno de história a gostar da matéria é a pesquisa, pois, o trabalho de pesquisa leva o aluno a buscar o conhecimento de história de maneira minuciosa. Na medida em que ele descobre uma "novidade" aumenta a sua curiosidade e esta é quem o leva a ser um bom pesquisador. Portanto, um conhecedor da história.

O importante é que o aluno saiba que ele também pode produzir sua própria versão sobre a história. O trabalho em grupo é de grande relevância, já que vai haver uma troca de conhecimentos entre os membros daquele grupo.

O método da palavra geradora é bastante interessante, pois ajuda o aluno a pensar. Por exemplo: a palavra "colonização", partindo dela o aluno de história vai lembrar-se de vários acontecimentos do período colonial.

Conclusão

Durante toda a minha experiência como estagiária da Prática de Ensino em História de 1º e 2º graus, naquela escola, pude observar que a maioria de seus alunos não gostam da disciplina e que eles vêem a história, até hoje, como sendo uma seqüência de fatos.

Por conta disto, é que eles acham a disciplina chata. Isso porque nem sempre a teoria condiz com a prática no que se refere ao ensino da história. Tendo em vista a diversidade de regiões com suas particularidades, portanto, com suas múltiplas histórias.

Por outro lado, se o professor de história partir de uma teoria que possa valorizar o micro acontecimento, no sentido de perceber o macro, fica mais fácil não só ensinar história, como também fazer o aluno se interessar pela matéria já que ele vai saber que também é sujeito da história.

Na verdade, a história do cotidiano (nova história) a meu ver é a única tendência capaz de fazer com que o aluno de história se sinta motivado a estudar tal disciplina, pois ele vai saber que um pequeno acontecimento, antes negligenciado pelo historiador, atualmente pode nos dar informações que nos façam compreender vários acontecimentos em um só momento histórico, ou seja, a micro-história pode nos transportar para uma macro-história. No entanto, as outras tendências não devem ser postas na lata do lixo e nem tão pouco estão superadas.

Na verdade, o que devemos fazer é repensar a história e tentar fazer uma adaptação entre teoria e prática.

Bibliografia

1. BALDIN, Nelma - A História dentro e fora da escola. Editora da UFSC, Santa Catarina s/d.
2. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes - "Os confrontos de uma disciplina escolar: da escola sagrada à escola profana" in: Memória , História e Historiografia. Dossiê de História. Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero , set.1993.
3. CECCON, Claudius - A vida na Escola e a Escola da Vida. 13ª edição . Petrópolis, Vozes.
4. FREIRE, Paulo - "A Importância do Ato de Ler" in: Em Três Artigos que se completam. São Paulo, Editora Cortez, 1992.
5. FAZENDAS, Ivani C. Arantes - O Papel do Estágio na formação de Professores, São Paulo, Cortez, 1989.
6. NADAI, ELZA - "O Ensino de História no Brasil: Trajetória e perspectivas" in: Memória , História e Historiografia. Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero , São Paulo-SP. Set.1993.
7. SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra - "Pesquisa em História nas Escolas de 1º e 2º Graus: Possibilidades e Caminhos" in: Cadernos Nordeste em Debate número 03. Editora Gráfica LIAA-UFPB Campus II, Campina Grande PB, 1995.

1. BALDIN, Nelma - A História dentro e fora da escola. Editora da UFSC, Santa Catarina s/d.
2. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes - "Os confrontos de uma disciplina escolar: da escola sagrada à escola profana" in: Memória , História e Historiografia. Dossiê de História. Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero , set.1993.
3. CECCON, claudius - A vida na Escola e a Escola da Vida. 13ª edição . Editora Vozes. Petrópolis
4. FREIRE, Paulo - "A Importância do Ato de Ler" in: Em Três Artigos que se completam. Editora Cortez. São Paulo-SP, 1992.
5. FAZENDAS, Ivani C. Arantes - O Papel do Estágio na formação de Professores, Editora cortez, São Paulo-SP, 1989.
6. NADAI, ELZA - "O Ensino de História no Brasil: Tragédia e perspectivas". in: Memória , História e Historiografia. Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero , São Paulo-SP. Set.1993.
7. SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra - "Pesquisa em História nas Escolas de 1º e 2º Grau: Possibilidades e Caminhos" in: Cadernos Nordeste em Debate número 03. Editora Gráfica LIAA-UFPB Campus II, Campina Grande PB, 1995.